**EDUCAÇÃO E NEUROCIÊNCIA: ENTRE AFETOS E EFEITOS NO ENCONTRO COM JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO/RJ**

Rafaela Corrêa Silva UERJ/FFP

**RESUMO**

Esta escrita narra a criação de um projeto-ensaio que contempla as necessidades e saberes de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal de São Gonçalo – RJ e seus efeitos formativos.No entre relatos, conceitos e experiências é possível perceber reflexões acerca da alfabetização e de letramento a partir do pensamento de Paulo Freire e Magda Soares, no que se refere a alfaletrar alunos a partir de uma concepção crítica e dialógica utilizando palavras, técnicas e métodos em sua pluralidade a fim de responder às demandas sociais e os efeitos da neurociência aplicada a educação e seus benefícios. Uma aposta de fazer da escola um território de conversas, possibilidades e desenvolvimento de aprendizagens e como espaço de democratização, a fim de produzir encontros, afetos e efeitos que podem auxiliar na redução das dificuldades de aprendizagem, evasão escolar e desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** neurociência, educação, letramento, alfaletrar.

*Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.*

**Paulo Freire**

Seguindo a afirmação de Freire (1989, p. 16) nasce um projeto-ensaio que contempla os saberes dos alunos de uma escola municipal do município de São Gonçalo/RJ. Sua criação nasce atenta ao presente, ao que se passa (LARROSA, 2002) e a influência de conceitos e autores estudados ao longo da graduação, pós graduação em Neuropsicopedagogia e como a neurociência (RELVAS, 2012) se faz importante nas práticas cotidianas. Reflexões que surgem a partir da experiência intencional de minimizar as dificuldades no que se diz respeito à compreensão, leitura e escrita dos alunos jovens e adultos nos primeiros anos de escolaridade. Projeto intitulado “*Alfaletrar: construindo outras formas de aprender/ensinar com a EJA”,* este nomeado “projeto ensaio” e desenvolvido internamente nos entre tempos possíveis na unidade escolar, de forma a criar com os alunos espaços de aprendizagens. Espaço que visa auxiliar a alfabetização e letramento de alunos do terceiro turno de uma escola pública municipal, numa perspectiva crítica, de construção de conhecimento(s) coletivo(s) e a partir das demandas apresentadas pelos sujeitos (alunos) envolvidos. É importante definir a (EJA) Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino da Educação Básica nos níveis fundamental e médio, com características autônomas das unidades de ensino e funções definidas que objetivam o alcance de um direito negado historicamente, mais igualdade de acesso, condições de permanência e aprendizagens significativas na escola de adolescentes, jovens, adultos e idosos, com trajetórias escolares prévias ou não.

Os professores, as escolas e a educação como um todo precisam cada vez mais estar em sintonia com a necessidades atuais dos seus alunos, para que haja uma maior integração entre os espaços sociais e o desenvolvimento dos educandos. Barros et al (2008), apontam que o aprendizado é um meio de se alcançar os conhecimentos, incorporados as estratégias e condições mentais que o indivíduo dispõe em um determinado momento. Ou seja, processo sucessivo que começa pela convivência familiar, pelas culturas, tradições e aprimora-se no meio escolar e social, tornando-se um método que valoriza as competências, habilidades, conhecimentos. Envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades e potencialidades do homem, tanto físicas quanto mentais e afetivas. Isto significa que não pode ser considerada somente um processo de memorização, tampouco que emprega apenas o conjunto das funções mentais. (BARROS et al, 2008). E assim, a força se concentrou em propor encontros que valorizem a experiência, a convivência familiar e social, para aguçar o desenvolvimento das aprendizagens. As oficinas em forma de encontros surgiram para dar a voz aquilo que geralmente é silenciado, o aluno e suas dificuldades principalmente após o período de isolamento e restrições sociais com a covid-19. Os encontros surgiram para ampliar possibilidades de aprendizagem e na atenção de que todos os seres humanos nascem podendo aprender. Segundo Lopes (2015, p. 27) “a aprendizagem é um método integrado que provoca uma mudança qualitativa na estrutura mental daquele que aprende”. Cita aqui a psicologia da aprendizagem, ao refletir que todo ser humano nasce susceptível a aprender, carecendo apenas de incitações externas e internas para o aprendizado.

O começo teve como atenção às demandas e apontamentos nos conselhos de classes e em conversas na sala dos professores. O trabalho iniciou com um grupo de alunos das turmas do 2°, 3°, 4°, 5° anos de escolaridade do Ensino Fundamental I, alunos estes indicados pelos professores regentes das respectivas turmas. Os encontros aconteciam duas vezes na semana e com carga horária de duas horas e trinta minutos. Os encontros tinham esse propósito, um espaço acolhedor e inclusivo, um espaço de encontro. Nos encontros não havia um método único e/ou técnicas apresentados e definitivos, o que se tem definitivamente é o caminho, as construções e criações realizadas com os alunos. Podemos dizer, uma concepção de alfabetização baseado em escritas e práticas de Paulo Freire e emaranhado com um novo conceito, o de letramento. Como bem demarca a autora Magda Soares em suas escritas no que diz respeito ao conceito de alfabetização, a autora sinaliza que na verdade Paulo Freire criou uma concepção de alfabetização. Para Soares (2007, p. 119) “(...) uma concepção de alfabetização como prática da liberdade, educação como conscientização (...)”. Uma concepção de alfabetização que no pensamento da autora não foi apenas uma concepção como método analítico-sintético de ensinar a ler e escrever, e sim uma ferramenta de democratização da cultura, como oportunidade de reflexão sobre o mundo, a posição e o lugar do homem na sociedade. A criação da nossa própria história nos espaços sociais. Cabe a nós a compreensão de que a história é um processo de participação de todos, e é neste sentido que encontramos mais um lugar privilegiado para o ensino e a aprendizagem, a escola como espaço de encontro. Como Paulo Freire nos orienta que,

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. (1991, p. 16)

Uma aposta de afirmar a escola como espaço de democratização. No pensamento de Paulo Freire é preciso que seja conferido ao homem o direito de dizer sua palavra, o que significa sua iniciação quanto a compreender-se e aos demais, homens no mundo e seu papel no processo de transformação. Compreender que o homem é um ser histórico e, portanto, capaz de construir sua história participando ativamente com os outros no mundo, lembrando sempre que Paulo Freire se reporta ao mundo imediato dos sujeitos, isto é, o local onde vivem, criam, produzem, sonham. E porque não fazer deste lugar a escola? E assim se dava os encontros, que eram permeados de conversas e trocas sobre os acontecimentos cotidianos, tendo atividades e propostas com íntima relação ao que se acontece na escola e no mundo.

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos, quando eles acham sentido e compreensão nas atividades que propomos e quando se engajam nos assuntos e trazem contribuições (Moran, 2013). Conversar e aprender coletivamente. A intenção não era falar sozinho, nem tampouco dissertar sobre o conteúdo, mas sim conversar.  Uma pratica que denuncia a ideia de educação como transformação social, movimento que pressupõe ver o homem não como mero reservatório, depósito de conteúdo, mas sim sujeito construtor da sua própria história e capaz de problematizar suas relações com si e com o mundo. Para Freire (1996) é fundamental que o professor e alunos saibam que a postura deles, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. A aula necessariamente tem o dever de ser um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Por isso, os alunos devem cansar e não dormir. Os alunos cansam porque acompanham as idas e vindas do pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. Aliado aos conceitos anteriormente citados algumas práticas também foram consideradas, como a escolha de um método, para auxiliar em função da diversidade do público alvo, que contempla os conceitos inclusivos, abrangendo todos os alunos. A escolha se deu por meio das relações e conexões humanas, experiência acumulada e anteriormente vivida pela companheira de profissão e amiga, professora Luciana Merola, atuante na unidade escolar, coautora desta experiência. Determinamos a aplicação do método de alfabetização visomotora de Léa Dupret, metodologia esta que se baseia na associação da imagem com a sílaba inicial.

Considerando o embasamento teórico apresentando e a chegada da neurociência na educação, as contribuições foram perceptíveis à medida que a neurociência estuda sobre o sistema nervoso e suas funcionalidades, além de estruturas, processos de desenvolvimento e alguma alteração que possa surgir no decorrer da evolução humana. Segundo o artigo intitulado "Estudos da neurociência Aplicada à aprendizagem Escolar", da Professora Marta Relvas, a Neurociência é:

um termo guarda-chuva que engloba todas as áreas da ciência: biologia, fisiologia, medicina, física, psicologia e que se interessam pelo sistema nervoso: sua estrutura, função, desenvolvimento, evolução e disfunções. O que somos, fazemos, pensamos e desejamos é resultado do funcionamento do sistema nervoso e sua interação com o corpo, juntamente com a história de vida de cada um, a cultura, a sociedade, e a genética fazem de nós o que somos, individualmente, como seres humanos, e como animais racionais. (RELVAS, 2012).

. A aprendizagem é o processo onde o cérebro responde aos estímulos do ambiente, ativando sinapses e tornando-as mais “acentuadas”, possibilitando o indivíduo a recorrer à informação e usá-la no presente. A emoção, a atenção, a motivação e o sistema de recompensa são exemplos desses fatores modificadores. Sem dúvidas, o trabalho docente tem possibilidades de acontecer de uma forma mais prática e prazerosa no momento em que os educadores se abrirem aos novos conhecimentos e compreenderem como acontece cada processo de aprendizado, considerando as características de cada indivíduo, a sua maneira de aprender e o seu ritmo. O convite continua a ser singelo à medida que continuemos a propor mais encontros e práticas de uma educação que contemplem em ampla escala a compreensão e conscientização do saber e do conhecer, com afetividade, escuta, constante curiosidade e diálogo entre os sujeitos. Com Paulo Freire refazemos o convite, de construir práticas que levem a pensar um projeto político pedagógico centrado na construção de uma escola “séria, competente, justa, alegre, curiosa” (1991, p. 42), uma escola em que todos tenham “condições de aprender e de criar, de arriscar-se, de perguntar, de crescer” (idem, 1991, p. 42). E que continuemos pensando e arriscando práticas de resistência para acolher as questões que os alunos trazem e os desafios contemporâneos que se apresentam.

**Referências Bibliográficas**

BRASIL. Parecer CNE/CEB n. 11/2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, Brasília: CNE: MEC, 2000.

BARROS, L.; PEREIRA, A. & GOES, A. (2008). Educar com sucesso – Manual para técnicos e pais. Lisboa: Texto Editora. (2ª Edição).

DUPRET, Léa. Brincando e Aprendendo: livro do aluno. Rio de Janeiro: Editora e Distribuidora Duprèt, 1992.

\_\_\_\_\_\_. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_\_. Educação e mudança. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_\_. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1991.

\_\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.In: Revista Brasileira de Educação nº 19. Rio de Janeiro: jan. /abr., 2002.

LOPES, Karla Borges. Psicologia da Aprendizagem. Centro de Educação Profissional de Anápolis – Cepa - Rede e-Tec Brasil, 2015.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda, 2013. Disponível em moran.eca.usp.br/. Acesso em: 08 de abr. 2024.

RELVAS, Marta Pires. Neurociência e Educação: Gêneros e potencialidades na sala de aula - editora WAK, 2ª edição, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_\_. Estudos da Neurociência Aplicada à Aprendizagem Escolar. Artigo publicado em agosto de 2012. Disponível em: https://www.nsctotal.com.br/noticias/estudos-da-neurociencia-aplicada-aaprendizagem-escolar. Acesso em 02 de abr. 2024.

SOARES, Magda Becker. Alfabetização e letramento. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.